

Sento-me num banco, o espaço é agradável e o banco típico de um jardim, mas estou a escassos metros da estrada que com fulgor exhibe os carros dos que acordaram cedo nesta manhã de Domingo.

Costumam estar aqui mais-velhos a jogar às cartas com muita energia. Diria que, a jogar á batota. O tempo não é gratuito, está sempre a cobrar e a pagar e a energia dispensada que eu vejo neles quando durante a semana passo por eles aqui reunidos, é demasiada para ser só pela glória de ganhar – percebi com Miguel Torga que a maior glória é morrer, com um personagem, de um dos seus contos, toureiro que morre pela glória/gáudio dos espectadores. A glória não é nossa é de quem nos vê, sonhamos que a temos mas nunca a tivemos e a prova disso é quando a perdemos. Estes jogadores mais-velhos, de certeza que aperceberam-se já disso – assim o penso. Neste momento não estão cá, mas não tarda muito, estou quase certo que não chovendo, ainda antes do almoço, os vejo a povoar este sítio – é deles. Só parei aqui esta manhã para temporizar até à hora da catequese e aproveitei para escrever.

Sentei-me, tinha-me sentado, já com o propósito de escrever. Vendo bem, saí de casa com um caderno e um lápis – a escrita é minha – mas não as palavras que escrevo. Vim com as coisas para o caso de se proporcionar a oportunidade de escrevê-las.

Olho à volta. Ver com o s olhos ajuda, mas não se vê tudo. Procuo atento, com tempo, um *quid*, a inspiração que chegue e leve-me a mim com este lápis, estas folhas, neste espaço... para outro. Mas não é como um comboio, autocarro ou avião e temos de ter paciência se não chega o transporte.

As palavras não celebram compromissos e então é mesmo assim, é esperá-las com paciência, às vezes muita às vezes menos, se as queremos falar ou escrever. Não quaisquer palavras, mas aquelas, que são, cada uma delas, no universo que trazem consigo, a tal. Às vezes pensamos que elas são nossas por as exercitarmos e elas estarem mais próximas. Mas não, elas não celebraram nenhum compromisso. No entanto, a existência das palavras depende destes com quem não assumem compromissos, chego até a pensar se por causa disso ~~elas~~ não correm algum risco, por exemplo o de desaparecer, mas algo me diz que não e que o tempo, a quem com paciência prestamos tributo enquanto esperamos pelas palavras, sabe que as palavras não correm o risco de desaparecer, ele não as deixa desaparecer, especialmente, pelo tributo que lhe prestamos quando esperamos por elas.